



Uma breve



HISTÓRIA

do MUNDO em



50



LUGARES

Dr. Jacob E. Field



valentina 



Uma breve
HISTÓRIA
do **MUNDO** em
50
LUGARES

JÁ OUVIU FALAR?



Da árvore na Índia onde nasceu o budismo?

* * *

Da planície na Islândia que foi o alicerce do mais antigo Parlamento do mundo?

* * *

Do monte em Jerusalém que é sagrado para três religiões?

* * *

Da hospedaria medieval belga que originou a primeira Bolsa de Valores?

* * *

Da rua em Berlim, dividida pelo muro, que abrigava o bunker de Hitler?

* * *

Do lago na Austrália onde foram encontradas ossadas humanas de mais de 40 mil anos?

* * *

Do cosmódromo no Cazaquistão de onde partiu Yuri Gagarin rumo ao espaço?

Uma breve



HISTÓRIA

do MUNDO em



50



LUGARES

Dr. Jacob F. Field

TRADUÇÃO
Jaime Biaggio



valentina 
RIO DE JANEIRO, 2025
1ª edição



Copyright © 2020 by Michael O'Mara Books Ltd

TÍTULO ORIGINAL

A Short History of the World in 50 Places

CAPA

Sérgio Campante

ILUSTRAÇÕES

Aubrey Smith

MAPAS

David Woodroffe

DIAGRAMAÇÃO

Fátima Affonso/FQuatro Diagramação

E-BOOK

Marcelo Morais

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Field, Jacob F.

Uma breve história do mundo em 50 lugares [livro eletrônico] / Jacob F. Field ;
tradução Jaime Biaggio. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Editora Valentina, 2025.
ePub

Título original: A short history of the world in 50 places.
ISBN 978-85-5889-124-0

1. Humanidade - História 2. História do mundo - Historiografia I. Título.

25-
297501.0

CDD-909

Índices para catálogo sistemático:

1. História do mundo 909

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

*Este livro é dedicado à vovó Billie e à Nana,
e à memória de Al e do vovô australiano.*

SUMÁRIO



Introdução

1 • ✨ • A Pré-História

A Garganta de Olduvai • O Lago Mungo

2 • ✨ • O Início da Antiguidade

O Crescente Fértil • O Rio Nilo • A Bacia do Huang He •
Nauru

3 • ✨ • A Antiguidade Tardia

O Monte do Templo • A Apadana, em Persépolis • A
Acrópole de Atenas • A Casa de Confúcio • A Árvore
Bodhi, em Bodh Gaya • A Biblioteca de Alexandria • O
Panteão de Roma

4 • ✨ • O Início da Era Medieval

Os Estreitos Turcos • A Igreja de Santa Maria de Sião • A
Caverna de Hira • Thingvellir • Grande Zimbábue • A
Universidade de Timbuktu

5·✧· A Era Medieval Tardia

Samarcanda • O Santuário de Itsukushima • Tenochtitlán •
O Huis ter Beurze • O Gyeongbokgung • Cuzco • Kosovo
Polje

6·✧· O Início da Era Moderna

O Alhambra • A Freguesia de Belém • O Castelo da Costa
do Cabo • Greenwich • A Galeria dos Espelhos do Palácio
de Versalhes • As Planícies de Abraão

7·✧· A Era das Revoluções

Bois Caïman • A Wilhelmstrasse • Os Moinhos de New
Lanark • Angostura • As Colinas Negras • O Gaol de
Kilmainham • A Praça Vermelha e o Kremlin • O Polo Sul

8·✧· O Mundo Contemporâneo

Hollywood • Amritsar • A Torre de Rádio de Gliwice • A
Casa de Anne Frank • O Hotel Mount Washington • O
Maracanã • A Zona Desmilitarizada da Coreia • O
Cosmódromo de Baikonur • A Delegacia de Sharpeville •
Cern

Conclusão

Agradecimentos

Bibliografía Seleccionada

Sobre o Autor

INTRODUÇÃO



Ao longo da História da humanidade, certos lugares foram palco de acontecimentos que marcaram época, foco constante de incidentes ou monumentos à tragédia. Outros talvez sejam menos conhecidos à primeira vista, contudo, representam o microcosmo de narrativas mais amplas associadas a tendências ou temas históricos recorrentes. Isso compreende mudanças e transformações na ciência, na economia, na religião, na arte e na sociedade. *Uma breve história do mundo em 50 lugares* contém exemplos de todos esses tipos e de muitos outros, e oferece uma nova perspectiva da humanidade, de sua fase primitiva ao século XXI.

Este livro, organizado em ordem cronológica, detalha o impacto, o legado e o papel de cinquenta lugares determinantes para a nossa História. Tem início na África, com o surgimento dos primeiros seres humanos, e na Garganta de Olduvai, na Tanzânia, onde alguns de nossos ancestrais mais longínquos começaram a dominar o manejo de ferramentas simples, cujo uso possibilitou que se espalhassem pelo mundo inteiro e deixassem sua marca em cada continente deste nosso planeta, da Australásia às Américas. Dali segue para o início da Antiguidade e o surgimento das primeiras civilizações, como as que se desenvolveram no Crescente Fértil, no Vale do Nilo e na Bacia do Huang He (Rio Amarelo). O capítulo 3 se volta para a Antiguidade Tardia e para lugares como o Monte do Templo, em Jerusalém, que se tornou sagrado para três religiões, e a Acrópole de Atenas, que se mantém como um monumento às glórias da Era de Ouro da Grécia. Os capítulos 4 e 5 dão sequência à jornada, detalhando a Era Medieval, da

Universidade de Timbuktu, um dos maiores centros de aprendizado do mundo islâmico, a Samarcanda, localizada no atual Uzbequistão, uma parada fundamental na Rota da Seda; e de Tenochtitlán, no México, a capital do Império Asteca, aos Estreitos turcos, um dos cursos d'água de maior relevância estratégica. No capítulo 6 chegamos ao começo da Era Moderna, com lugares como a Freguesia de Belém, contando a história de como Portugal e certas nações europeias começaram o processo multissecular de construção dos seus impérios, e o Castelo da Costa do Cabo, em Gana, estratégico entreposto do comércio de escravizados no Atlântico. A série de acontecimentos revolucionários que estabeleceu as bases do mundo moderno é detalhada no capítulo 7, incluindo New Lanark, o vilarejo escocês que sinalizou o início da indústria mecanizada estabelecida em fábricas, e a casa na Venezuela onde Simón Bolívar e seus confederados forjaram o futuro de uma América Latina independente. Por fim, o capítulo 8 compreende o mundo contemporâneo, de Hollywood, que definiu grande parte da paisagem midiática atual, à Zona Desmilitarizada da Coreia, talvez um dos últimos símbolos ainda existentes das tensões da Guerra Fria que um dia pareceu levar o mundo à beira da aniquilação nuclear.

Onde quer que seus interesses residam, seja qual for o lugar ou a época, *Uma breve história do mundo em 50 lugares* lhe trará novos olhares e perspectivas sobre o passado.

1

A PRÉ-HISTÓRIA



A GARGANTA DE OLDUVAI

.....

Cerca de dois milhões de anos atrás, na África Subsaariana, surgiram os primeiros seres humanos. Foram classificados como *Homo habilis* (“homem habilidoso”). Ao longo de milênios, a evolução os transformou nos humanos modernos, da espécie *Homo sapiens* (“homem sábio”), que se estabeleceram mundo afora. O conhecimento sobre os nossos ancestrais distantes foi possível devido a uma série de descobertas na Garganta de Olduvai, na Tanzânia.

Localizada no extremo leste da Planície do Serengeti, a Garganta de Olduvai é uma ravina íngreme de cerca de 48 km de extensão. O nome vem de *Oldupai*, que na língua do povo local, os massai, significa “lugar do sisal selvagem” (uma planta de folhas pontiagudas comum por lá). Em tempos pré-históricos, havia um lago nas proximidades, o que a tornava um ponto importante de aglomeração de animais e humanos primitivos. Seus restos foram bem preservados graças às cinzas procedentes de vulcões próximos. Em 1911, o cientista Wilhelm Kattwinkel (1866-1935) descobriu depósitos de fósseis na ravina (entre os quais os dentes de um *Hipparion*, uma espécie ancestral de cavalo hoje extinta), que na época integrava a África Oriental alemã. Logo após apresentar as suas descobertas em Berlim, uma expedição formal de pesquisa foi enviada, sob o comando do geólogo e paleontólogo Hans Reck (1886-1937). Àquela altura, a Teoria da Evolução já estava bem estabelecida, e era amplamente aceito que os humanos se desenvolveram a partir dos primatas. A trilha de fósseis para provar tal evolução estava incompleta, e ainda havia enormes lacunas na compreensão de como e onde o processo ocorrera. Na época, os mais

antigos fósseis de homínídeos conhecidos eram espécimes do *Homo erectus* (“homem ereto”) encontrados na Ásia. Sua capacidade de andar de pé liberava as mãos para fazer ferramentas e manipular o meio ambiente. Tratava-se provavelmente de uma evolução do Australopiteco, um grupo de espécies primatas. A expedição de Reck achou centenas de fósseis de animais, assim como um esqueleto completo de *Homo sapiens*, que, segundo ele, poderia ter mais de 500 mil anos de idade. Houve sérias dúvidas quanto a essa data, mas a descoberta gerou interesse na Garganta, e outras expedições ao local foram planejadas (o ceticismo se provaria bem fundamentado – a datação por carbono revelou que o esqueleto tinha *apenas* 17 mil anos de idade). A I Guerra Mundial adiou novas escavações em Olduvai, que só seriam retomadas em 1931, quando a área já se encontrava sob o controle do Império Britânico.

O VALE DA GRANDE FENDA

O Rife Africano Oriental, que se estende por cerca de 6.400 km, vai da extremidade sul da Turquia à Foz do Zambeze, em Moçambique. Começou a ser formado 30 milhões de anos atrás, quando a crosta terrestre se rompeu, criando vales de até 80 km de extensão e 309 metros de profundidade, bem como várias cadeias de montanhas e lagos. Foi nesse meio ambiente diverso que os primatas se transformaram nos seres humanos modernos, tornando o vale um dos lugares mais ricos em fósseis do mundo.



A expedição britânica foi liderada pelo paleoantropólogo Louis Leakey (1903- 72), nascido no Quênia, que, ao visitar Reck na Alemanha, viu os fósseis olduvaienses. Ele e sua família passariam décadas em escavações na Garganta, fazendo uma série de descobertas que revolucionariam a compreensão dos primeiros humanos. Embora Leakey e sua equipe, que incluía sua esposa, Mary Douglas (1913-96), ela própria paleoantropóloga, tenham encontrado machadinhas bem-acabadas em Olduvai, de cerca de um milhão de anos de idade, a princípio não acharam quaisquer restos de homínídeos que precedessem o *Homo erectus*. Foi na sétima expedição dos Leakey a Olduvai, em 17 de julho de 1959, que ocorreu um grande avanço. Ao passear com seus seis dálmatas, Mary achou um fragmento de osso, que se provaria parte de um crânio praticamente completo de 1,75 milhão de anos de idade; foi apelidado de “Homem Quebra-Nozes” por causa dos molares grandes. Os Leakey determinaram que ele pertencia a uma espécie de australopitecíneo, provando que a espécie humana havia surgido na África. No ano seguinte, Jonathan (1940-2021), filho de Mary e Louis, achou a mandíbula inferior e outros restos de um ser humano primitivo em Olduvai. Após longos estudos e descobertas posteriores de restos mortais semelhantes, este foi identificado como um integrante da espécie que preenchia a lacuna evolutiva entre os australopitecíneos e o *Homo erectus*. Em 1964, anunciou-se que a nova espécie seria classificada como *Homo habilis*. Descobriu-se que teria evoluído entre 2,4 e 1,5 milhão de anos, e o

nome se deveu ao cérebro maior, que lhe dava a capacidade de produzir ferramentas mais sofisticadas.

OS NEANDERTAIS

Há cerca de 400 mil anos, desenvolveu-se uma espécie de homínido distinta do *Homo sapiens*: o *Homo neanderthalensis*. O nome é derivado do Vale de Neander (Neandertal, em alemão), na Alemanha, onde foi encontrado o primeiro espécime em 1856. Da Europa, eles se espalharam para o norte da África e partes da Ásia. Seus membros mais curtos, o nariz maior e o corpo mais atarracado lhes permitiam suportar o clima geralmente mais frio da região. Longe de terem sido homens das cavernas ignorantes, provavelmente eram dotados de uma linguagem vocal, dominavam o fogo e fabricavam ferramentas a partir de pedras lascadas.

A Garganta de Olduvai também continha várias ferramentas de pedra feitas por humanos primitivos. Os *Homo habilis* provavelmente eram caçadores e necrófagos e as fabricavam utilizando uma técnica conhecida como “talha lítica” – dar forma a rochas batendo-as repetidas vezes contra outras superfícies, criando assim o gume afiado. As ferramentas olduvaienses eram usadas em especial para abater animais e quebrar-lhes os ossos, permitindo o acesso ao nutritivo tutano. Algumas das que foram desenvolvidas também podiam ser usadas na construção de abrigos, com uso de galhos, sem falar em armas e armadilhas feitas de madeira. O uso de ferramentas de pedra foi vital para o avanço dos homínidos, pois lhes permitia adaptarem-se a uma ampla gama de regiões. Cerca de 1,9 milhão de anos atrás, o *Homo habilis* evoluiu, tornando-se *Homo erectus* e passando a utilizar ferramentas de pedra ainda mais sofisticadas e a controlar o fogo. E então, cerca de 200 mil anos atrás, humanos anatomicamente modernos, da espécie *Homo sapiens*, apareceram na África Oriental. Fósseis tanto do *Homo erectus* como do *Homo sapiens* também foram encontrados na Garganta de

Olduvai. Ou seja, o lugar conta uma história de mais de dois milhões de anos de como a nossa espécie evoluiu a partir dos primatas.

Os *Homo sapiens* não permaneceram na África. Seu cérebro maior e inteligência superior lhes proporcionaram condições de vida em uma ampla gama de ambientes, e a espécie se espalhou para o Oriente Próximo entre 130 mil e 100 mil anos atrás. Há cerca de 50 mil anos, eles se expandiram para a Europa e a Ásia. Depois que o *Homo sapiens* chegou a esses lugares, provavelmente houve miscigenação com os neandertais. Testes genéticos mostram que humanos dessas regiões ainda hoje carregam DNA neandertal. Contudo, o *Homo neanderthalensis* enquanto espécie distinta foi extinto há cerca de 40 mil anos; as razões para isso ainda são debatidas, embora possíveis causas incluam mudanças climáticas ou terem sido suplantados pelo *Homo sapiens*.

JEBEL IRHOUD

Em 1961, foram iniciadas escavações numa caverna em Jebel Irhoud, oeste do Marrocos, depois que um mineiro encontrou um crânio fossilizado de *Homo sapiens*. Escavações subsequentes tiveram início em 2004 e descobriram mais restos de homínidos, ossos de animais, evidências de fogo e ferramentas queimadas de pedra com cerca de 315 mil anos, o que torna os fósseis de Jebel Irhoud os mais antigos exemplares de seres humanos anatomicamente modernos.

Há 15 mil anos, *Homo sapiens* já viviam em quase todos os cantos habitáveis do planeta, incluindo a Austrália e as Américas. A princípio, eram caçadores-coletores (assim como o *Homo erectus*) e viviam em pequenos grupos nômades compostos de trinta a cinquenta indivíduos. Dependiam da caça e da coleta da carniça de animais selvagens, bem como da colheita de plantas nativas. Homens e mulheres viviam em relativa igualdade e, como tais comunidades estavam sempre em movimento,

não havia grandes oportunidades para acúmulo de propriedades privadas. Ou seja, a sociedade paleolítica era francamente igualitária. Com o passar do tempo, o *Homo sapiens* começou a adotar comportamentos ritualísticos. Os primeiros sepultamentos ocorreram há cerca de 100 mil anos e o primeiro exemplo representativo de arte visual foi feito há cerca de 50 mil anos. Ferramentas mais avançadas foram criadas, incluindo o simples arco e flecha, 14 mil anos atrás – de certa forma, foi a primeira máquina, pois era composto de partes móveis e transformava energia muscular em energia mecânica. Junto com outras inovações, tais como redes, propulsores de lança e boleadeiras, permitiam aos seres humanos caçarem animais de grande porte. Essa “Idade da Pedra Lascada” começou a terminar por volta do ano 10000, à medida que os humanos, inicialmente no Oriente Médio, começaram a fazer a transição para uma vida em sociedades agrícolas permanentes.

O LAGO MUNGO

.....

Os aborígenes australianos são a civilização mais antiga do mundo. Têm cultura contínua datada de milênios. Chegaram à Austrália mais de 50 mil anos atrás, estabelecendo-se pelo continente. Sua mais antiga trilha fóssil foi encontrada no Lago Mungo, um lago seco no sudoeste de New South Wales.

Em 1968, Jim Bowler, geólogo australiano estudioso de dunas ancestrais, estava no Lago Mungo e avistou o que lhe pareceu serem ossos humanos queimados, expostos à vista pela erosão. Retornou no ano seguinte com arqueólogos, que os escavaram e levaram numa mala para submetê-los a mais estudos na Universidade Nacional da Austrália, em Camberra. Descobriram que os ossos fossilizados eram restos de uma jovem, de 1,47 m

de altura, que teria sido cremada e em cuja ossada fora espalhado ocre vermelho, sugerindo a existência de um comportamento ritual em sua cultura e talvez até mesmo alguma noção de vida após a morte. Em 1974, Bowler, investigando o Lago Mungo e arredores, pilotando sua moto, avistou um punhado de restos humanos projetando-se para fora de um bloco de pedra; ele foi escavado, levado para Camberra, e descobriu-se que tais restos haviam pertencido a um homem adulto de 1,70 m, com cerca de 50 anos de idade e artrose no cotovelo direito (provavelmente em função de atirar lanças). Ele havia perdido dois caninos ao mesmo tempo quando jovem, possivelmente em algum tipo de cerimônia ritualística. Tanto a “Senhora Mungo” quanto o “Homem Mungo” haviam morrido em torno de 42 mil anos antes, época em que a Austrália já tinha uma grande população aborígine.

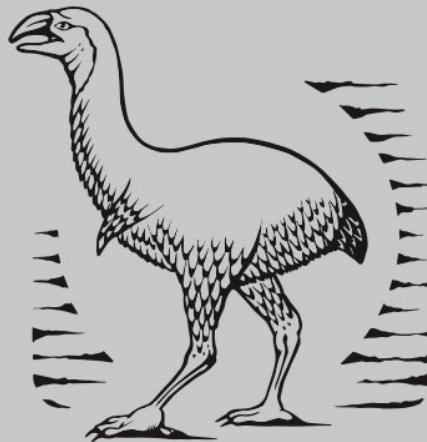
Estudos contemporâneos de DNA indicam que os aborígines australianos são descendentes de um grupo de *Homo sapiens* que deixou a África cerca de 72 mil anos atrás, migrou para o Sudeste Asiático e depois fez a travessia até a Austrália. Algumas das evidências mais antigas de assentamentos humanos foram descobertas na Terra de Arnhem, no norte do país, onde dois abrigos rochosos continham ferramentas de pedra datadas entre 53 mil e 61 mil anos atrás. A partir desses primeiros assentamentos, os aborígines migraram para todas as partes do continente por volta de 35 mil anos atrás. De maneira geral, mantiveram o estilo de vida de caçadores-coletores que caracterizava as primeiras sociedades (embora alguns grupos praticassem uma forma de agricultura, havendo evidências de colheitas e armazenagem de plantas, bem como de elaboradas armadilhas para a captura de enguias e peixes). Eram hábeis no rastreio e na tocaia, e excelentes no manejo de lanças. O fogo era vital para sua existência, usado para cozinhar e espantar animais de suas tocas; as cinzas resultantes tinham o papel de fertilizante.

Muitos aspectos da paisagem australiana da época do primeiro assentamento humano no continente eram diferentes dos atuais. Quando os

aborígenes chegaram ao Lago Mungo, entre 50 mil e 45 mil anos, aquela era uma região do interior onde havia treze grandes lagos de água doce. Haviam se formado gradualmente à medida que o clima esfriava, fazendo com que a evaporação diminuísse. Além de lagos, também havia pastagens e matas fervilhantes de vida selvagem. Há cerca de 40 mil anos, todo o cenário foi transformado por tempestades de areia, que arrastaram para lá a superfície das dunas que se formavam contra o vento, e pelo aumento da temperatura, que baixou o nível das águas. O Lago Mungo secou 19 mil anos atrás, e as pessoas se mudaram para outras áreas nos arredores onde houvesse fontes de água mais garantidas.

A MEGAFUNA AUSTRALIANA

O isolamento geográfico da Austrália levou os aborígenes a se depararem com animais desconhecidos noutras partes da Terra. Muitas espécies que ali viviam não tinham predadores naturais antes da chegada dos humanos, o que fez delas fonte de alimento garantida para os aborígenes. Espécies que podem ter sido caçadas até se extinguiem incluem o diprotodonte, marsupial do tamanho de um hipopótamo, e o *genyornis newtoni*, ave não alada de mais de 1,80 m de altura.



Os aborígenes australianos se dividiam em mais de 500 tribos, cada uma ligada a uma área ancestral específica. Embora não tivessem um sistema de escrita, tinham um complexo sistema mitológico passado de geração para geração pela tradição oral. Também não havia muita hierarquia social (ainda que os idosos tivessem mais status devido a seu conhecimento da narrativa tribal – levava-se, em média, de trinta a quarenta anos para se aprender todo o ciclo de mitos, incluindo as canções, danças e lugares sagrados). Apesar de existirem mais de 300 línguas aborígenes e de surtos de violência ocorrerem esporadicamente entre grupos distintos, o intercâmbio cultural era generalizado. Tribos vizinhas se juntavam com frequência para eventos cerimoniais, e redes comerciais se estendiam da costa para o interior por mais de 1.600 km. Como eram, em larga medida, nômades, pouco produziam em termos de habitações permanentes. Uma exceção se dava no sudoeste de Victoria, onde 600 anos atrás foram construídas cabanas capazes de abrigar famílias de quatro a sete pessoas, habitadas durante uma parte do ano. Por estarem quase que constantemente em movimento, a densidade populacional era baixa; ao fim do século XVIII, apenas 300 mil aborígenes viviam na Austrália. Isso significa que a densidade populacional era de apenas uma pessoa para cada 26 km².

Em 1786, o governo da Grã-Bretanha decidiu povoar a Austrália com presidiários, e a Primeira Frota chegou dois anos depois. Ao final do século XVIII, mais de 5 mil colonos já habitavam o país. Ao longo dos séculos XIX e XX, novos milhões de migrantes chegaram. A Grã-Bretanha assumira o controle meramente por proclamar sua soberania sobre o território, sem fazer qualquer tipo de tratado com a população indígena. Isso foi possível por obra e graça de uma teoria legal segundo a qual estariam pleiteando *terra nullius* – ou seja, terra desocupada, não pertencente a ninguém. Os direitos dos aborígenes foram totalmente ignorados – somente em 1992 uma corte australiana reconheceu que o território ancestral tomado e controlado era deles. O processo de

colonização foi desastroso e traumático para a sociedade aborígine – além da perda de suas terras, sofreram com as doenças vindas do Ocidente e a violência dos colonos.

BOTANY BAY

Em 29 de abril de 1770, o HMS *Endeavour*, capitaneado por James Cook, atracou no leste da Austrália, tendo mapeado ilhas no Pacífico Sul e navegado ao longo da costa da Nova Zelândia. Os britânicos batizaram o lugar de Botany Bay e mapearam 8.000 km da costa australiana antes de voltarem para casa. Em 1788, uma frota britânica que levava 1.030 pessoas (incluindo 736 presidiários) aportou em Botany Bay. Considerando o local pouco adequado para uma colônia penal, subiram mais 8 km e fundaram Port Jackson, que ao crescer se tornou Sydney.

Os ossos da Senhora Mungo e do Homem Mungo ficaram décadas em Camberra, para onde haviam sido levados sem a autorização das três tribos, os paakantyi, os muthi muthi e os ngiyampaa, reconhecidos como os proprietários tradicionais da terra. Após negociações com as tribos, os ossos da Senhora Mungo foram devolvidos em 1992. São mantidos em segurança num cofre no centro de exposições do Parque Nacional Mungo, que só abre com duas chaves: uma fica com arqueólogos, a outra com os venerandos da tribo. O Homem Mungo, no entanto, só viria a ser repatriado em 2017 – foi reenterrado numa margem do Lago Mungo. Seus ossos agora permanecerão na terra onde antes haviam passado séculos sem serem perturbados.

2

O INÍCIO DA ANTIGUIDADE



O CRESCENTE FÉRTIL

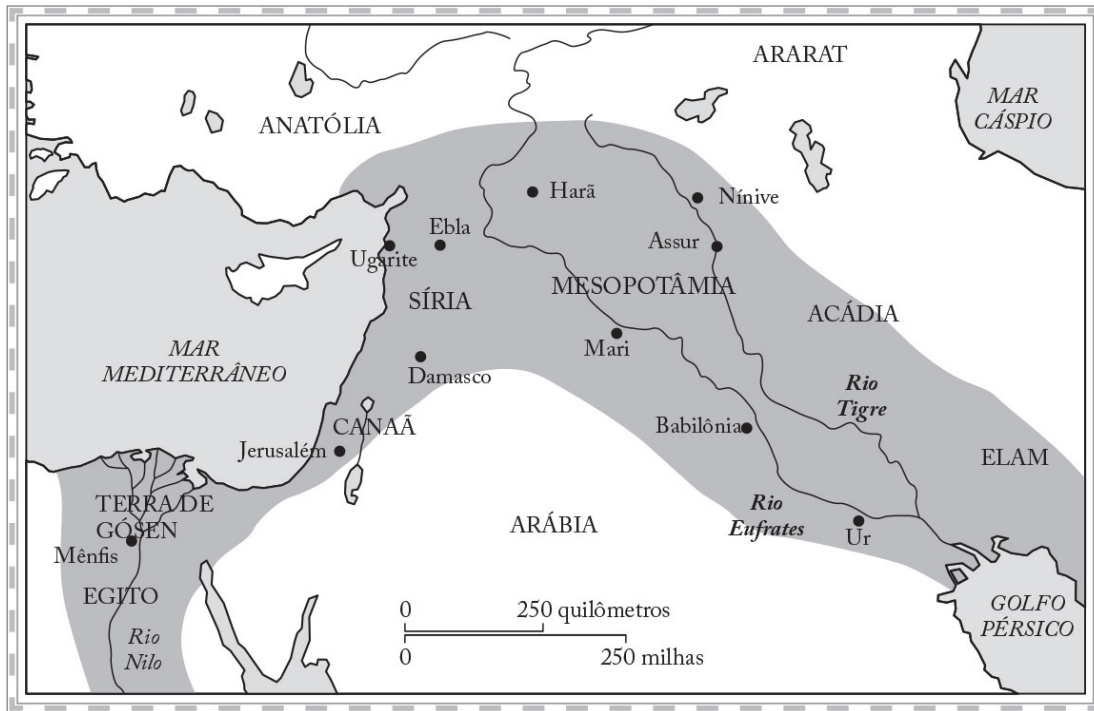
.....

Cerca de 12 mil anos atrás, algumas culturas humanas começaram a se transformar; de sociedades caçadoras-coletoras nômades, passaram a instituir assentamentos agrícolas permanentes. Essa “Revolução do Neolítico” mudou o mundo, permitindo o crescimento da população, uma maior especialização e o surgimento dos primeiros povoados e cidades.

O Crescente Fértil é uma região no Oriente Médio definida e irrigada por dois grandes rios, o Tigre e o Eufrates, originários das montanhas da Turquia e do Irã e que correm até o Golfo Pérsico, representando uma fonte conjunta crucial de água potável. As melhores terras cultiváveis ficavam na área conhecida como Mesopotâmia (“terra entre rios”), onde o cultivo já era praticado desde o ano 9000. No Crescente Fértil, brotavam cereais selvagens passíveis de serem domesticados e cultivados de forma controlada, como farro, cevada, milho e linho, além de legumes, como ervilha-de-pombo e lentilhas. Vacas, cabras, porcos e carneiros foram criados na região a partir da reprodução seletiva de animais selvagens (cavalos, domesticados inicialmente na Rússia e na Ásia Central, só chegariam depois do ano 4000). Por volta de 7000, havia grandes vilarejos agrícolas no entorno do Crescente Fértil, ainda que basicamente confinados a áreas próximas aos rios ou que recebessem chuvas em nível suficiente. Em torno do ano 6000, começou a irrigação em pequena escala a partir dessas águas, e, em 5000, já se construía canais mais elaborados e bacias de armazenamento, enquanto os pântanos eram dragados para permitir o uso mais intenso e disseminado da terra. Juntamente com invenções como o arado e a grade, isso fez crescer

a cadeia de abastecimento alimentar, permitindo que a população aumentasse mais rapidamente.

A região mais ao sul da Mesopotâmia era conhecida como Suméria; ocupada por volta do ano 4500, foi onde se localizaram as primeiras cidades, surgidas durante meados do quarto milênio. Nos séculos seguintes, a urbanização se estendeu pelo restante do Crescente Fértil, alcançando a Pérsia e o Egito. As pessoas podem ter se mudado para as cidades em torno desse período porque o clima se tornava mais seco, dificultando a agricultura de subsistência e encorajando o cultivo mais intensivo, que exigia uma maior concentração populacional. O crescimento urbano abria espaço para um grau maior de especialização ocupacional; tornavam-se comuns profissões como tecelão e ceramista (as cerâmicas já eram feitas com o auxílio da roda de oleiro, que permitia uma produção mais rápida e modelos mais sofisticados). Desenvolveu-se uma metalurgia mais avançada. Em 3500, produzia-se bronze; em 1000 a.C., ferro. Isto tornava possíveis ferramentas e armas mais robustas e afiadas. Apesar da existência dessas profissões, a maior parte da população ainda trabalhava na agricultura. Saíam de suas casas nas cidades e caminhavam até os campos. O Crescente Fértil estabeleceu o comércio de longa distância; em 3000, já era disseminado o uso de veículos com rodas, viabilizando o transporte de mercadorias pesadas por longas distâncias. Nessa época, as embarcações mesopotâmicas já eram de tamanho suficiente para levar mercadorias. No ano 2300, a rota comercial atingia pontos tão distantes quanto Omã e Índia. Apesar de terem economia sofisticada, as culturas do Crescente Fértil não usavam moedas, geralmente os pagamentos se davam à base de permutas e os salários eram pagos em grãos, medidos com o auxílio de um sistema de pesagem padronizado.



○ Crescente Fértil, por volta do sexto milênio.

As cidades do Crescente Fértil se tornariam Estados, controlando um entorno de cerca de 16 km, composto de fazendas e povoados. Hierarquias políticas emergiram – a princípio, essas cidades-Estado eram governadas por colegiados de líderes, mas, a partir do ano 3000, estes já haviam sido basicamente suplantados por governantes únicos, que acabariam por estabelecer monarquias hereditárias. O primeiro governante do qual há evidências arqueológicas (seu nome aparece escrito em cacos de um vaso de alabastro) é Enmebaragesi, que governou a cidade-Estado de Kish por volta do ano 2500. O papel primordial desses primeiros reis era de liderança militar; ao crescerem, as cidades-Estado haviam desenvolvido rivalidades e passado a lutar por influência e territórios. A primeira batalha da qual há registros históricos (talhados em um monumento de calcário) ocorreu por volta de 2450, um combate entre as cidades sumérias de Lagash e Uma em nome do controle de uma área de terra irrigada. Lagash saiu vitoriosa; segundo os registros, seu rei, Eanatum, teria liderado seus homens e os levado ao triunfo, apesar de ter sido atingido por uma flecha. Os reis

também mantinham a ordem e supervisionavam projetos, como a construção dos muros de cidades, de sistemas de irrigação e de celeiros (alguns tão grandes que, na cidade de Churupaque, o estoque de cevada era suficiente para alimentar sua população de 20 mil pessoas por seis meses). Surgiram as religiões organizadas; geralmente, cada cidade-Estado tinha seus deuses padroeiros e construía complexos de templos em devoção a eles. A partir do ano 2000, o zigurate, uma grande pirâmide escalonada que simbolizava montanhas sagradas, virou um tipo de estrutura comum. Os reis encorajavam vínculos com a religião, alegando que seus reinados se davam por ordenação divina, e incorporavam cerimônias religiosas às funções de Estado.

O SISTEMA CUNEIFORME

Em torno do ano 3300, os sumérios desenvolveram o primeiro sistema de escrita – o cuneiforme. Escrevia-se com um junco de ponta chanfrada (em forma de cunha) em tábuas de argila úmida, depois bem cozidas; a princípio, eram conjuntos limitados de pictogramas usados para contabilizar mercadorias, safras e impostos. Seiscentos anos depois, havia evoluído para um sistema de mil símbolos fonéticos, passíveis de uso para se escreverem obras literárias. O sistema acabaria adotado em todo o Oriente Médio e continuou a ser usado até, pelo menos, o século I d.C.

Foi no Crescente Fértil que o mundo teve seu primeiro imperador – Sargão, que nasceu no século XXIV na cidade suméria de Kish. Filho de um jardineiro, tornou-se copeiro do rei, até derrubá-lo e tomar o poder. Para projetar autoridade, adotou o nome real Sharru-kin, que significa “o legítimo rei”. A partir de 2334, iniciou a conquista de toda a Mesopotâmia e fundou uma nova capital imperial, de nome Acádia (a provável localização é onde hoje fica Bagdá). Nas cidades-Estado que Sargão conquistou, ele permitia que os governantes originais continuassem nos cargos, embora

passassem a ser governadores de província que seguiam os seus ditames. Seu exército permanente era de mais de 5 mil homens, seu sistema de taxaço era centralizado, com o dinheiro sendo enviado para ele, e seus apoiadores ganhavam terras. Os sucessores de Sargão estenderam seus domínios, mas também se depararam com várias rebeliões locais, bem como invasões da Pérsia, da Síria e da Anatólia. O Império Acadiano caiu em 2154, e a área que compreendia reverteu para o sistema anterior de cidades-Estado independentes.

Após a queda de Acádia, a próxima grande potência a emergir no Crescente Fértil foi a Babilônia, fundada como cidade-Estado às margens do Eufrates em 1894. Sob o reinado de Hamurabi, entre 1792 e 1750, a Babilônia conquistou cidades-Estado ao seu redor, estabelecendo o domínio sobre a maior parte da Mesopotâmia. Hamurabi foi um governante enérgico e ávido por estender sua autoridade. Seu código de leis, promulgado há quase 4.000 anos – em torno do ano 1754 – é o mais antigo documento do tipo que resistiu ao tempo. Foi registrado em uma coluna de pedra (diorito preto) de 2,3 m de altura (está no Museu do Louvre); várias cópias foram feitas e espalhadas pelo Império Babilônico, expostas em praças públicas e templos. O código continha 282 julgamentos sobre diversos temas, entre os quais escravidão, comércio, salários, adultério, casamento e adoção. Seu princípio-guia de “olho por olho, dente por dente” teve grande influência sobre outros códigos legais e religiões – o Velho Testamento, por exemplo. Após a morte de Hamurabi, seu império se desintegrou, ainda que a Babilônia tenha mantido sua posição de grande centro de aprendizado, religião e comércio. Àquela altura, inovações geradas no Crescente Fértil já haviam se espalhado e se estabelecido havia séculos pela Ásia, África e Europa, tornando-o uma das civilizações mais influentes da História da humanidade.

O RIO NILO

.....

O mais longo rio do mundo (há controvérsias, pois esse posto pode ser do Rio Amazonas), o Nilo flui por mais de 6.400 km através da África, até desaguar no Mediterrâneo. Sem a bênção de suas águas, três milênios de civilização no antigo Egito teriam sido impossíveis. O rio teve um papel central na configuração do passado, do presente e do futuro da região.

No Egito, atua como um oásis que atravessa o Deserto do Saara. Tem duas partes principais: o Vale, com cerca de 13 km de largura, e o Delta, uma série de lagoas e pântanos com 240 km de largura que deságua na costa do Mediterrâneo e cria ligações marítimas de fácil navegação entre o Egito e a Europa. Possui duas nascentes principais (embora suas localizações precisas não tenham sido determinadas de forma definitiva até o fim do século XIX): o Lago Tana, na Etiópia, e o Lago Vitória, na África Oriental, sendo o primeiro a fonte do Nilo Azul (assim chamado pela argila levada por suas águas) e o segundo, do Nilo Branco. Os dois afluentes se encontram no atual Sudão, logo ao norte da capital, Cartum.

Numa região que, de resto, tem muito pouca água, o Nilo era tão vital que os antigos egípcios o chamavam simplesmente de *Itrw*, que significa “o Rio” (“Nilo” vem do nome dado na Grécia Antiga, *Neilos*). Ele possibilitou que surgissem às suas margens (no atual território do Egito) os primeiros povoados agrícolas, depois do ano 5000, e que lá fossem cultivados cevada, trigo, linho, frutas, verduras e legumes, além de criações de animais para o abate. Havia ainda uma espécie de planta aquática chamada *Cyperus papyrus*, que crescia abundantemente ao longo do Nilo. Sua medula era utilizada na fabricação do papiro, material espesso semelhante ao papel, usado como superfície de escrita por egípcios e outros povos da Antiguidade. Um outro fator que tornava o Nilo importante era a garantia de enchentes todo ano. No final do verão, ele transbordava, depositando uma rica camada de lodo,

fertilizando o solo e levando embora os sais. À cheia anual os antigos egípcios davam o nome *Akhet*, acreditando ser causada pelas lágrimas da deusa Ísis ao chorar pelo seu falecido marido, Osíris. A verdadeira causa das inundações, contudo, eram as monções, que faziam chover intensamente centenas de quilômetros rio acima, na Etiópia, e aumentavam de tal forma o volume d'água que acabavam por levar o Nilo a transbordar ao chegar ao Egito. A água das enchentes se acumulava em bacias naturais que formavam um imenso reservatório para uso da agricultura nas seis a oito semanas de duração da cheia. Um complexo sistema de diques e canais de irrigação reforçava as bacias naturais, permitindo o armazenamento e a distribuição mais efetivos da água.

AS PIRÂMIDES

Eram complexos funerários monumentais para os faraós e suas famílias. Têm origem na pirâmide de degraus erguida para Djoser por volta do ano 2650, nas cercanias de Mênfis. O formato evoluiu para as de face lisa; a maior de todas é a de Gizé, para Quéops, faraó que reinou no século XXVI; projeta-se a quase 150 m de altura e cobre uma área de cinco hectares. Sem o Nilo, as pirâmides teriam sido impossíveis; os materiais de construção (e os mantimentos para a força de trabalho) eram transportados até os canteiros de obras por meio de canais abertos a partir do rio.

Hoje já não há cheias anuais do Nilo no Egito. Desde meados do século XIX, uma série de projetos cada vez mais ambiciosos interferiu no curso do rio, a começar pela construção de represas e comportas para criar canais de irrigação que permitissem o suprimento de água durante o ano todo. O ponto culminante foi a Represa Alta de Assuã, projeto iniciado por Gamal Abdel Nasser (1918-70), nomeado presidente do Egito em 1956. Sua esperança era de que estimulasse e modernizasse a economia do país. No entanto, quando os governos americano e britânico deixaram de

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma breve história do mundo em 50 luga..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).